

Históricos do PMDB lutarão em bloco por diretas já

Ana Maria Tahan e Eliane Cantanhede

BRASÍLIA — Os históricos do PMDB vão formalizar um bloco dissidente, lançando na semana que vem um manifesto de rompimento com o governo e de defesa da realização de eleições diretas para presidente da República este ano. É a largada para formação de um movimento suprapartidário que, sob o objetivo imediato das diretas já, pretende chegar a um novo partido, de perfil social-democrata. "Sou o líder do PMDB rebelde", anunciou o senador Fernando Henrique Cardoso; "Temos que mostrar a outra cara do PMDB", fez eco o ex-governador de São Paulo Franco Montoro.

Ontem foi um dia de exaustivas reuniões para a articulação do bloco dissidente. Logo cedo, na suite presidencial do Hotel Nacional, reuniram-se Fernando Henrique, Montoro e meia dúzia de parlamentares engajados no movimento, como o senador José Richa (PMDB-PR). Depois, Fernando Henrique encontrou-se com outro grupo de deputados — no qual incluíam-se três do PFL, um do PDS e um do PDT — e almoçou com quase metade dos 44 senadores do partido. O presidente do PMDB e da Constituinte, Ulysses Guimarães, excluiu-se das articulações, mas na opinião dos dissidentes, só terá uma alternativa: apoiar a candidatura do governador de São Paulo, Orestes Quéricia à Presidência da República, no caso de eleições em 1989.

"Deixamos o PMDB para criar um partido que, baseado na social-democracia, tenha compromisso com o novo", disse da tribuna da Constituinte o deputado Pimenta da Veiga (MG), que liderou o desligamento de oito deputados mineiros. "O PMDB certamente não será dissolvido, continuará sua trajetória, só que ela será muito diferente daquela que escreveu até há algum tempo", justificou Pimenta, que já foi líder do partido na Câmara dos Deputados.

Saem mais seis — Está previsto para hoje o desligamento de mais seis pemedebistas: três da bancada do Espírito Santo (senador José Ignácio, deputada Rose de Freitas e deputado Lézio Sathler) e de três da bancada de Pernambuco (deputada Cristina Tavares e deputados Fernando Lyra e Harlan



Montoro garante 50 adesões

Gadelha). Ainda ontem, durante o encontro no Hotel Nacional, Montoro e Fernando Henrique confirmaram, num telefonema para o prefeito de Campinas (480 mil eleitores, a segunda maior cidade de São Paulo), José Roberto Magalhães Teixeira: tanto o prefeito quanto 11 vereadores estão também se desligando do PMDB, na expectativa do novo partido. A nova legenda, porém, só será criada depois da Constituinte.

Os governadores que apoiaram o parlamentarismo já estão sendo contatados pelo da Bahia, Waldyr Pires, que teve uma dura conversa com Ulysses, na quarta-feira, sobre o "esfacelamento do PMDB". Os articuladores da dissidência pemedebista acreditam na adesão imediata de Pedro Simon (RS), Max Mauro (ES), Carlos Bezerra (MT), além do próprio Waldyr. Dependendo da dimensão do bloco, poderão aderir mais tarde Miguel Arraes (PE) e Moreira Franco (RJ). O governador de Alagoas, Fernando Collor de Mello, "é visto com certa desconfiança", segundo um integrante do grupo.

A expectativa de Montoro é arregimentar, no mínimo, 50 parlamentares do PMDB, podendo esse número crescer para 80. No desdobramento suprapartidário, o bloco chegaria a 100. Os deputados Saulo Queiroz (MS) e Jayme Santana (MA), ambos do PFL, acham que "cerca de 20" dos seus correligionários



Fernando Henrique: rebelde

integrarão a nova campanha das diretas já dentro do Congresso.

Partido já — Esses cálculos foram levantados de manhã, na reunião do Hotel Nacional, e citados no encontro de Fernando Henrique com deputados, no Congresso. Estavam presentes, neste último, além de Saulo e Jayme, as deputadas Maria de Lourdes Abadia (PFL-DF), Wilma Maia (PDS-RN), Moema São Thiago (PDT-CE), Ana Maria Rattes (PMDB-RJ), Nelton Friedrich (PMDB-PR) e Artur da Távola (PMDB-RJ) e mais pemedebistas de Minas, Pernambuco, Santa Catarina e Maranhão.

A simples formalização de um bloco dissidente do PMDB não agradou à maioria dos participantes. "Nós queremos um novo partido já", disse o deputado Saulo Queiroz. Alegou que os rebeldes pemedebistas vêm enfrentando a proposta com mais ousadia, mas na hora da decisão os pemedebistas recuam. "Blocos, o PMDB tem há 20 anos, desde o MDB", lembrou, com concordância geral.

A reunião com senadores do PMDB foi mais fácil para Fernando Henrique. Dos 44 representantes da bancada, 27 votaram no parlamentarismo e só 17 no presidencialismo. Assim, os quase 20 participantes do almoço de ontem não só avaliaram a proposta do bloco dissidente como até pretendem divulgar um manifesto próprio na semana que vem.

Novo partido tem base em 5 estados

A primeira contabilização de futuros integrantes do novo partido animou os pais da idéia. Conferida, numericamente, no resultado das votações sobre o sistema de governo e a duração do mandato presidencial, a nova bancada nasceu no painel da Constituinte. De um lado, vitoriosos, permaneceram os fiéis aos governadores, aos ministros do presidente José Sarney e ao Palácio do Planalto. De outro, derrotados, os que seguiram as lideranças históricas do PMDB.

Pelos prognósticos, os estados cujas bancadas darão o impulso inicial ao novo partido, são:

Rio Grande do Sul — O governador Pedro Simon manteve a unidade da bancada pró-parlamentarismo: 16 a 2.

Mato Grosso — O governador Carlos Bezerra marcou 4 a zero.

Bahia — O governador Waldyr Pires garantiu 24 a 4.

Pernambuco — O governador Miguel Arraes contribuiu com 11 a 6.

Paraná — Dividida entre as lideranças do governador Álvaro Dias e do senador José Richa, a bancada empatou: 13 a 13.

Em contrapartida, Minas Gerais e São Paulo, na opinião dos articuladores do novo partido, tiveram bancadas submissas aos interesses dos governadores Newton Cardoso e Orestes Quéricia, ambos ligados diretamente com o Palácio do Planalto. Em Minas, os parlamentaristas registraram apenas nove votos contra 23 dados ao presidencialismo. Em São Paulo, o painel registrou 16 a 11, pelo presidencialismo.

Hélio Costa diz que sai do PMDB

Mais um — é o 10º — deputado do PMDB anunciou a intenção de abandonar o PMDB logo após a promulgação da Constituinte. É Hélio Costa (PMDB-MG) que, no entanto, não se afastará por causa da vitória do presidencialismo e dos cinco anos, mas sim por não conseguir mais se entender com o governador Newton Cardoso.

"Se eu deixar o PMDB agora", disse, "poderão ocorrer prejuízos políticos aqueles que me apóiam e que participarão das próximas campanhas políticas, principalmente para as Prefeituras."

O deputado acusou o governador de Minas de ter "alugado" a sigla do PDC para neutralizar o próprio PMDB no Estado. Segundo ele, se Newton Cardoso perder o controle do partido, "transfere-se de armas e bagagens para o PDC". E concluiu: "Não há alternativa com Newton Cardoso."

Até ontem, além de Hélio Costa, já haviam anunciado seu desligamento do PMDB os deputados Pimenta da Veiga, Cristina Tavares, Carlos Cotta, Octávio Elísio, Ziza Valadares, Carlos Mosconi, Fernando Lyra, Célio de Castro e Mauro Campos.

Waldyr reconvoca para luta pela democracia

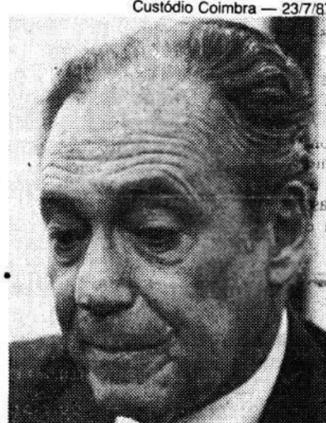
SALVADOR — Recebido no Aeroporto Internacional 2 de Julho sob aplausos das 500 pessoas que lhe foram prestar solidariedade depois dos resultados adversos das votações sobre o sistema de governo e a duração dos mandatos presidenciais, o governador Waldyr Pires disse que é hora "do toque de reunir para retomar a luta pelo processo democrático e contra uma unidade do PMDB dessa forma desnaturada que está aí".

Waldyr gastou quase uma hora para percorrer os 100 metros que separavam o avião que o trouxe de Brasília da sala em que deu uma tumultuada entrevista, interrompida algumas vezes por grupos de militantes do PC do B e PCB. Carregando faixas e bandeiras de seus partidos, eles gritavam *Fora Sarney*, e o grupo do PC do B entoou também *slogans* agressivos contra o ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães — *Um, dois, três, ACM no xadrez* — e contra o presidente da República: *Sarney ladrão, Pinochet do Maranhão*.

Recomposição — Cansado e rouco, o governador aparentava tranquilidade, mas chegou a se emocionar algumas vezes, durante os cumprimentos de todo o secretariado enfileirado e de dezenas de deputados federais e estaduais e funcionários que ocupam cargos de confiança. As ausências notadas foram do vice-governador Nilo Coelho e do prefeito Mário Kertesz (presidencialista e defensor, embora discreto, dos cinco anos para Sarney). O prefeito estava em Salvador, mas mandou o vice-prefeito Marcelo Duarte representá-lo.

"É preciso convocar os pemedebistas históricos, dos liberais à esquerda, para recompor a imagem do PMDB, fazendo-o leal aos compromissos assumidos com o povo", disse Waldyr, mas deixando claro que essa tentativa deve ser feita, ainda que trabalhada desde já, na convenção nacional do partido, "que não deve ser antecipada".

"Quem não está alinhado com esses compromissos, contra arrochos salariais,



Waldyr: recompor o PMDB

recessão, subordinação das finanças do país a organismos internacionais, que saia do PMDB", desabafou. Observou também que, na medida em que lhe forem delegadas responsabilidades pelos companheiros, assumirá liderança na luta pela redução do mandato de Sarney para quatro anos.

"Creio que o parlamentarismo se aproxima muito mais das decisões e aspirações populares, mas neste momento o problema mais sério continua sendo o da extensão do mandato."

E depois de acentuar que não tem vínculo com o governo federal, o governador observou: "Continuaremos reivindicando. Não tenho problemas pessoais. O que quero é que respeitem a Bahia e, contra as retaliações ao nosso povo, iremos para as ruas lutar."

Em Recife, o governador Miguel Arraes telefonou para os constituintes Fernando Lyra e Cristina Tavares e tentou convencê-los a não deixar o PMDB. Os dois, entretanto, disseram ser impossível recuar. Mesmo assim, Arraes insistirá junto a ambos, além de procurar impedir novas defecções.

Dissidente não quer criar nova frente

A decisão foi difícil mas finalmente amadureceu: o novo partido nasce este ano, sem uma data fixada e ainda sem nome, mas social-democrático, ideologicamente definido e com uma promessa de seus principais organizadores, o ex-governador Franco Montoro e o senador Fernando Henrique: não se transformará em frente, nem inchará sem critério, apesar de conquistar adeptos de legandões tão diferentes quanto o PMDB, o PDS, o PFL e o PDT.

O momento certo do nascimento e do batismo foi muito discutido na reunião matinal do Hotel Nacional. Acabou vencendo a idéia, defendida especialmente por Montoro, Richa e Fernando Henrique, de que este não era o momento, até pelo de poderem ser taxados de emocionais, como argumentou o ex-governador paulista. Venceu a tese de que a dissiden-

cia do partido devia ser assumida agora, oficialmente, "para evitar a dispersão", outro argumento de Montoro.

Discutida desde o final do ano passado, a idéia da criação de uma nova sigla partidária se precipitou, segundo o vice-líder do PMDB na Constituinte, deputado Euclides Scalco (PR), "por causa dos métodos de pressão que os governadores e o governo federal usaram para arregimentar votos. Nem na ditadura se via isso".

"Não queremos construir nem um convento, fechado com meia dúzia de iluminados, nem um prostíbulo onde caiba todo mundo", disse o líder pemedebista no Senado, Fernando Henrique Cardoso, lembrando que a Constituinte já estabeleceu que o critério de seleção de integrantes caberá a cada partido. Ou seja, nenhuma legenda será obrigada a

aceitar uma filiação que não se coadune com seu programa.

Os articuladores querem um partido de expressão nacional e perspectivas de vitória a nível regional. Por isso, ao mesmo tempo em que procuram arregimentar parlamentares federais de diferentes legendas e estados, contam com a adesão de lideranças políticas de dimensão nacional, como o senador Mário Covas, líder do PMDB na Constituinte.

A participação de Covas, aliás, influiu decisivamente no adiamento temporário da criação do partido. Todos entenderam que ele deve retardar sua adesão ao grupo, até porque é importante para o equilíbrio da Constituinte: tudo tem que ser negociado, hoje, com a liderança do PMDB. "Não poderíamos criar este vácuo", disse Fernando Henrique. (AMT e EC)

mandato do presidente Sarney de seis para quatro anos, no capítulo das disposições transitórias, último a ser votado.

Os governistas tentaram um acordo com lideranças da oposição para apressar a votação do mandato do presidente Sarney, mas, como o acordo foi rejeitado, agora estão dispostos a protelar os trabalhos da Constituinte. Para os antigovernistas não é negócio votar o mandato neste instante, porque o presidente Sarney ainda goza dos efeitos da sua vitória da terça-feira e poderia facilmente derrotá-los outra vez. Já os governistas, uma vez que não conseguem acordo para votar o mandato logo, preferem postergar a Constituinte até que o tempo se encarregue de anular seus efeitos. As previsões, hoje, de ambos lados é que a ela dificilmente conseguirá encerrar seus trabalhos antes de julho ou agosto, tornando difícil a realização de eleições neste ano.

O deputado Konder Reis avalia que os trabalhos só recomençarão de fato depois de 5 de abril. Até lá haverá recesso informal. Os feriados da Semana Santa estimulam os constituintes a fugir de Brasília. Konder Reis acredita que o debate em torno do capítulo da ordem econômica poderá reativar a Constituinte, o que, segundo ele, não ocorrerá no campo político. O deputado teme que o movimento pelo adiamento das eleições municipais cresça com a justificativa de que as eleições seriam isoladas, preferindo realizá-las junto com as presidenciais, em 1989. Esta idéia pode ganhar o apoio da maioria da Constituinte governista, mas enfrenta um obstáculo: não se pode medir qual será a reação da opinião pública diante da perda de possibilidade de votar para presidente e prefeito no mesmo ano.

Etevaldo Dias

Constituinte vai entrar em recesso

A Constituinte vive dias melancólicos. Está esvaziada desde a terça-feira, quando foi votado o sistema de governo. Até mesmo o dr. Ulysses Guimarães tem deixado de reclamar dos constituintes ausentes. Este clima resulta da desesperança do centro e da esquerda depois da acachapante derrota para os presidencialistas, e do desinteresse do grupo governista em apressar a votação. Os parlamentaristas sabem que dificilmente conseguirão votos para aprovar a redução do

Saturnino acha 5 anos um direito de Sarney

O prefeito Saturnino Braga é a favor do mandato de cinco anos para o presidente José Sarney. "Se os outros presidentes vão ter cinco anos, Sarney também deve ter", disse, referindo-se à aprovação do mandato de cinco anos para os futuros presidentes na Constituinte. Lamentou, porém, a derrota do parlamentarismo: "Perdemos a oportunidade de instalar um sistema mais avançado."

Já o presidente da UDR, Ronaldo Caiado, estrela do segundo dia do leilão de bois promovido no Fazenda Clube Marapendi, defendeu "eleições este ano em todos os níveis" e aplaudiu a manutenção do presidencialismo, embora considere o parlamentarismo mais moderno. "Numa fase de transição, sou presidencialista", explicou.

Campanha — Em campanha pelas favelas do Rio para fazer o vice-prefeito Jó Resende seu sucessor na Prefeitura, Saturnino condenou o adiamento das eleições municipais previstas para novembro. "Fui eleito para um mandato curto. Precisamos criar no Brasil o hábito de respeitar as datas das eleições", afirmou.

Também a UDR pretende influir na sucessão de Saturnino. Segundo o diretor

financeiro da seção metropolitana, Amaro Viana, o nome que desperta mais simpatias na UDR é o do deputado federal Álvaro Valle, candidato a prefeito pelo PL. "Mas estamos interessados em todo e qualquer candidato a vereador ou prefeito que se afine com a gente", ressaltou.

Viana só exclui a possibilidade de aliança com o PT e o PC do B. O PV é visto com bons olhos: "Com eles, tudo bem. Verde por verde, a gente também é". Desde que o candidato a prefeito não seja o escritor e ex-guerrilheiro Fernando Gabeira, por causa do "passado negro". Com a participação no leilão do Fazenda Clube Marapendi, realizado ao som de música country, Ronaldo Caiado atingiu a marca de 68 viagens pelo país, a serviço da causa da UDR. Foram arrematados 1 mil 200 bois, doados por 600 produtores filiados à entidade. Estima-se que a arrecadação tenha chegado a Cz\$ 24 milhões.

Segundo o presidente da UDR, todo o dinheiro será usado para prestar assessoria técnica, jurídica e política aos produtores rurais. "A UDR nunca usou um centavo sequer para a movimentação política, como chegaram a insinuar. Está tudo às claras para quem quiser saber", disse Ronaldo Caiado.